

Ceticismo e pesquisa

Fernando Amed

Curriculum lattes: <http://lattes.cnpq.br/5732831611339510>

O astrônomo norte-americano Carl Sagan foi autor de várias obras que vieram a se destacar pelo alcance junto a um público mais amplo. Em uma delas, em especial, *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência como uma vela na escuridão* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), Sagan apresentou a oposição entre a ciência e a pseudociência. Para o autor, a metodologia científica possuiria um “mecanismo de correção de erros”, o que lhe permitiria checar com constância as hipóteses como meio de identificação de alguma incoerência. Ou seja, faz parte do procedimento científico, constituir um itinerário de contínua busca por algum tipo de falácia. Entende-se então que o sujeito do conhecimento, ele próprio, caminhará de modo célere na confirmação de seu raciocínio com o objetivo de alcançar a confirmação. Diga-se então que ele é o principal interessado em descobrir alguma espécie de falha.

No procedimento da pseudociência, dá-se o contrário. Seus defensores farão o possível para que suas incoerências sejam “resolvidas” de modo a passar a ideia de que as hipóteses funcionam corretamente. A diferença então se perfaz no fato de que as pseudociências pretendem convencer a qualquer custo, omitindo ou tornando obscuros os enganos. De acordo com Sagan, é comum então que haja uma aproximação para com as teorias da conspiração, talvez o provento mais rumoroso das pseudociências. Muito próximas do drama e com contornos repletos de detalhes, tais teorias costumam encantar por conta da criatividade bem como pelo fato de que de fato podem ser reais.

A esse respeito Sagan nos recorda de um mecanismo bastante eficaz em seu trabalho de antídoto às teorias de conspiração: a Navalha de Occan. Quando possuímos duas ou mais explicações que conseguem explicar um mesmo fenômeno, devemos optar pela mais simples. Difícil supor um argumento tão eficiente quanto esse. Entenda-se que as explicações mais detalhadas e que se constituem de detalhes fantásticos podem sim serem verdadeiras. O que o argumento de Occan nos apresenta é que há mais possibilidade somente de a explicação mais simples, mesmo que de forma provisória, vir a ser àquela que resolve o problema anteriormente apresentado.

Tal concepção parece dever também às considerações do filósofo escocês David Hume (SMITH, Plínio. *O que é Ceticismo*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992), quando apontava que

o hábito e o costume são o que vêm a fornecer segurança para a verdade nas chamadas questões de fato. De acordo com Hume, quando habituamo-nos a ver que algo costuma ocorrer após determinados estímulos, podemos deduzir o mesmo quando em outras circunstâncias, mesmo que aí não encontremos um princípio de não-contradição, como por exemplo, nas relações de ideias, que é o caso da matemática. Essa quase fragilidade do conhecimento humano, sustentada pela observação, costuma ser remetida ao despertar dos estudos kantianos no campo da epistemologia. Longe de nos afastar de um estudo constante, a hipótese de Hume nos estimula ao estudo constante, do contrário não poderíamos nos aproximar inclusive da definição de hábito ou costume. Diga-se que David Hume também obteve destaque como um pensador que se encontra nas origens do pensamento *conservative* de tradição britânica. Enfim, ao valorizar o conhecimento do que costuma acontecer, Hume também sinalizou que podemos aprender com aquilo que normal e tradicionalmente acontece inclusive do ponto de vista social. Com isso, não se pretende dizer que não haverá espaço para nenhum tipo de transformação ou alteração. Pelo contrário, a perspectiva é que algo seja testado ao longo do tempo e que se possa perceber e se aproximar daquilo que costuma oferecer resultados pode se afastar do que se apresenta como um equívoco.

O bom senso então pode ser um importante sinalizador do encaminhamento de uma metodologia quando remetida a uma pesquisa. E é isso que valorizamos inclusive nos trabalhos de iniciação científica aqui no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. É dessa forma que procedemos nas orientações apresentando e dispondo um universo de ideias e conceitos que devem ser ponderados pelo jovem pesquisador na direção do teste de suas validades. Caberá ao orientando a busca pela checagem das validades dessa gama de opiniões e sentenças. Parece-nos então que a atitude cética tem também muito a oferecer para todo aquele que já não consegue permanecer junto às supostas certezas oferecidas pelo dogmatismo. E, juntamente com Karl Popper (*A Lógica das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004), acreditamos que toda tese deve ser sustentada numa hipótese passível de ser questionada e colocada em dúvida. Se não conseguirmos refutá-la, podemos aceitá-la provisoriamente como viabilizadora de algo em que se crê. Do contrário, estaremos contemplando uma afirmação fundamentada num dogma.

Têm-se então uma situação em que o jovem pesquisador parte de um tema com o qual demonstra alguma espécie de afinidade e que, em relação a ele, já apresenta algumas hipóteses de pesquisa. O primeiro passo então é propor ao iniciando que caminhe na direção da definição de seu objeto de estudo. Tradicionalmente, as primeiras propostas possuem um alto nível de abrangência, o que impossibilitaria a realização de um trabalho de pesquisa que,

como sabemos, irá se estabelecer dentro de prazos rigorosos. A sugestão então é que o estudante encaminhe a elaboração de uma bibliografia acerca do tema que pretende abordar. O passo seguinte é o de estabelecer resenhas sobre cada uma dessas obras ou textos a que tenha acesso. Feito esse primeiro procedimento, entende-se que o pesquisador já poderá ter alcançado uma condição que é a de estabelecer as hipóteses de pesquisa. As hipóteses dependem então das possibilidades de acesso às fontes, bem como obviamente, de sua existência.

Parte-se então para o estabelecimento de um cronograma que deverá levar em consideração o contínuo exame das fontes como meio de averiguação das hipóteses que foram previamente constituídas. Além disso, o cronograma deve pressupor um cotidiano de apresentação dos dados obtidos e refletidos por meio de um texto escrito, ou seja, através de uma narrativa. Essa narrativa será motivo então de constantes revisões como meio de se buscar um aprimoramento.

Nossa experiência sinaliza que existem aspectos subjetivos e que estão configurados na pesquisa realizada nas iniciações científicas. É assim que normalmente buscamos oferecer ao pesquisador uma dimensão mais concreta daquilo que ele está por fazer. Em se tratando de uma iniciação científica, lembramos o estudante de que ele está adentrando o campo das pesquisas ditas acadêmicas e que elas se configuram em vários momentos e circunstâncias. Explicamos então as expectativas geradas pelo mestrado *strito senso*, pelo doutorado ou pelo pós-doutorado. Acreditamos que esses exemplos possam vir a conferir maior realismo ao jovem pesquisador. Finalmente, tratamos da necessidade que é a da clareza na divulgação dos dados obtidos. Ou seja, estabelecemos um *topos* que é o da pertinência da divulgação da pesquisa realizada sobre moldes científicos. Retomamos Popper e enfatizamos a necessidade de que as hipóteses sejam construídas de modo a poderem ser refutadas.

Um dos objetivos da iniciação científica e que percebemos como atingido em grande parte das vezes, é a da materialização, para o estudante, de uma ambiência específica e distinta de outras. O jovem pesquisador pode assimilar uma diferença havida entre o produto de seu empreendimento e o de outros – muitas vezes, ele próprio, num momento anterior – que tão somente se valem das opiniões como meio de acesso às discussões. Há algo então que pode permitir a percepção da distância havida entre *episteme* – o juízo embasado em hipóteses justificáveis – a a *doxa* – a opinião sujeita a todo tipo de inferências subjetivas. Tal meta, quando alcançada, justifica a iniciativa de pesquisa nas Instituições de Ensino Superior.